

O PARTIDO LIBERAL

DIRECTOR POLITICO E RESPONSÁVEL — GUALDINO VALLADARES

1.º ANNO

QUINTA FEIRA 7 DE JUNHO DE 1866

NUMERO 24

INTERIOR

BRAGA

Os 54.

A sessão da camara dos deputados de 28 de Maio de 1866 ficará tristemente memoravel nos annos do governo representativo em Portugal.

A imprensa honrada de todos os partidos não tem podido reprimir a indignação e calar a vergonha que se sente, ao ver assim insultadas a razão e a consciencia publicas por aquelles, que deviam ser os primeiros a respeitá-las.

Se em peitos portuguezes ainda resta algum amor de patria, é necessario que todos o mostrem, protestando energeticamente contra o ultrage feito aos sentimentos de justiça e moralidade d'esta nação pelos proprios representantes d'ella!

É preciso que protestemos contra os representantes da nação, que abusando do seu mandato, e sophismado as leis não se pejam de manchar a honra da patria e preparar a ruina das instituições liberaes.

Dizemos manchar a honra e preparar a ruina da patria, e não exageramos. Que outras consequências poderá ter para um paiz a protecção concedida aos criminosos pelo poder legislativo; a acção da justiça embarçada e impedida pelo poder legislativo, a independencia judiciaria desconhecida, e ameaçada pelo poder legislativo? Se estes factos não são já os symptomas de uma extrema corrupção social, não podemos affirmar que na camara dos deputados se sentam 54 individuos que não merecem o nome de representantes da nação portugueza.

Foram 54 os deputados que na sessão de 28 de maio ultimo rejeitaram o parecer da commissão de legislação, que concedia ao poder judicial licença para poder proceder contra um deputado pronunciado por um crime grave.

Rejeitaram o parecer sem allegarem motivo algum que fundamentasse o seu voto; negando-se todos a assumir a responsabilidade d'esta violação do direito.

A parte sisuda da camara, não podia deixar de reprovar o procedimento dos seus collegas e manifestar o seu profundo desgosto por terem de tomar a responsabilidade d'um acto tão offensivo da justiça e da moral.

Como interprete d'estes sentimentos de desgosto e reprovação, apresentou o distincto publicista o sr. Rodrigues Sampaio o projecto de lei que abaixo se lê.

Lamentamos que, o desvario de 54 deputados obrigou a camara a privar-se d'uma prerogativa que a lei constitucional lhe concedia, não para favorecer a impunidade, mas para garantir a boa administração de justiça e conjunctamente a liberdade e a independencia dos representantes da nação.

Eis o projecto a que alludimos e o bem elaborado, relatório que o precede.

Senhores:—A carta constitucional no artigo 27.º diz que se algum deputado fór pronunciado, o juiz, suspendendo todo o ulterior procedimento, dará conta á camara, a qual decidirá se o processo deve continuar, e o membro ser ou não suspenso do exercicio das suas funções; e no art. 41.º diz a mesma carta—que é da attribuição exclusiva da camara dos pares conhecer dos delictos dos deputados durante o periodo da legislatura.

Da combinação destes dois artigos resulta que a decisão da camara para não continuar o processo é uma verdadeira não ratificação da pronuncia, que extingue toda a acção, e que a decisão para continuar o processo equivale á ratificação da pronuncia, competindo depois o julgamento á camara dos dignos pares.

Estabeleceu, pois, a carta um foro privilegiado para os deputados, e estabeleceu-o sem duvida por imperiosas razões de utilidade publica. Não foram nem podiam ser considerações pessoais, nem favor que se quizesse dispensar ao individuo, foi sabida e prudente precaução tomada no interesse da justiça.

A lei fundamental quiz obstar a que o deputado fosse indevidamente impedido de exercer as suas funções em côrtes; e quiz ao mesmo tempo que a sua independencia estivesse garantida que o declarou inviolavel pelas opiniões que proferisse no exercicio das suas funções.

Não demos porém a estas disposições a intelligencia que o poder constituinte lhes não quiz dar. Não queiramos concluir dellas que o deputado não é inviolavel pelas opiniões, que manifestar fóra do exercicio das suas funções, nem que a inviolabilidade é um privilegio, quando a manifestação do pensamento é uma das primeiras garantias concedidas pela carta a todos os portuguezes. O fim claro, evidente, desta disposição foi saber sentir que no seio da representação nacional não se reconhecia hierarchia, não havia superior nem inferior, mas só eguaes; e que o deputado que nas fileiras do exercito, por exemplo, era obrigado como subalterno a obedecer ao seu superior, e a

ser punido pela desobediencia, era na camara igual ao seu commandante, e não podia responder nem ser punido no quartel pela contrariedade da opinião que tivesse opposto na camara a quem quer que fosse.

Mas a inviolabilidade pelas opiniões não é tão pouco a impunidade pelos delictos. E quando a carta creou um foro privilegiado não quiz proteger o crime, mas assegurar a justiça.

A lei fundamental suppoz sem duvida que a magistratura judicial conhecendo dos delictos praticados pelos membros dos allos poderes do estado poderia ceder á pressão e influencia que elles quizessem exercer sobre ella, e procurou dar garantias não só aos delinquentes mas ainda mais aos queixosos. Suppoz que a pressão que se poderia exercer nos tribunales ordinarios seria impotente para coar as camaras legislativas. Foi esta, a meu vêr, a razão da disposição; razão forte e ponderosa, que intentava pôr a acção da justiça livre das grandes influencias que pleiteassem perante ella.

Mas a sinceridade da execução não correspondeu á belleza da theoria, e a experiencia não deu razão á disposição da carta. O que fóra sancionado como garantia de justiça recta e imparcial considerou-se como privilegio pessoal, e o que se estabeleceu como protecção ao offendido traduziu-se como monopolio de impunidade a favor do aggressor.

Não nos admiremos d'isto, senhores. Todas as instituições creadas n'um espirito de justiça e interesse social degeneram com o tempo, ou porque o abuso as infirma ou porque o progresso da civilização as torna inúteis ou incompatíveis com ella. As razões que dictaram o privilegio do foro para o deputado não existem hoje. O prestigio que se ligava ao cargo diminuiu na proporção que se augmentou a consideração pelo principio da egualdade. Como o cidadão romano que repelia com orgulho até no meio dos flagitios o *civis romanus sum*, cada deputado pôde repetir, cidadão d'um estado livre—*sou cidadão portuguez*—que não val menos que ser seu representante. Propugnadores da egualdade, tendo destruido muitos privilegios, não deixemos subsistir um que nem nos nobilita como representantes nem nos honra como cidadãos.

Já vedes que o meu intuito é extinguir o privilegio concedido á camara dos deputados para impedir o processo impedir o processo intentado contra qualquer dos seus membros. Restituimos por este modo ao poder judicial as suas attribuições e independencia, e abdicamos a função de julgar que não pode-

mos nem convenientemente nem competentemente exercer. A nossa missão deve ser unicamente fazer leis e bem merecermos da patria se as fizermos sabias e justas. Converter o legislador em juiz é confundir os poderes, é inverter a instituição, é perder o legislador e o juiz, é fazer-o conhecer das pendencias entre individuos quando o seu primeiro dever é cuidar dos interesses geraes da nação, elevando-se acima dos conflictos particulares.

Não venho arguir, senhores, os vossos julgamentos, em que todos somos responsaveis. Temos julgado como entendemos, mas os nossos constituintes não applaudem as nossas decisões. Teremos talvez feito justiça, mas não temos guardado as formalidades com que ella se costuma administrar. Não vemos o processo, não ouvimos a accusação nem a defeza, votamos sem discussão e em segredo; podemos acertar por acaso, mas nem honramos os que absolvemos mostrando que tinham sido pronunciados injustamente, nem damos satisfação aos offendidos e á sociedade fazendo ver que eram infundadas as suas queixas.

Não se sabe se tem soffrido a justiça, mas a dignidade da camara padece, e com a perda do seu prestigio perde-se a auctoridade das leis, e corrompem-se os costumes com o mau exemplo.

Não receio que as ruins paixões dos tribunales ordinarios aflastem da camara os seus membros. Muitos d'elles faltam diariamente ás sessões, e os trabalhos não se interrompem. E desgraçado seria o paiz se o numero dos deputados metido em processo chegasse a impedir o andamento dos trabalhos parlamentares. Se assim fosse ou a magistratura judicial estava quasi toda corrompida, ou a camara dos deputados era composta de sclerados; e nenhuma das supposições se pôde admitir.

Bem sei que é constitucional o artigo da carta cuja alteração proponho; mas essa circumstancia serve somente para se observarem as formalidades que a mesma carta recommenda. Neste intuito tenho a honra de apresentar o seguinte

Projecto de lei

Art. 1.º O poder judicial é competente para conhecer dos delictos dos deputados durante o periodo da legislatura.

Art. 2.º Na proxima eleição geral de deputados os eleitores confirmarão nas procurações dos deputados eleitos especial faculdade para se alterarem, nesta parte, os artigos 27 e 41 da carta constitucional.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

Camara dos deputados, 1 de junho de 1866.—Antonio Rodrigues Sampaio.

Camão de ferro do minho

No artigo antecedente tínhamos encarado a questão da directriz do camão de ferro do minho pelo seu lado economico, commercial e agrícola, esboçando a linha traçada pelo sr. Souza Brandão, como a mais proficua para o geral dos Districtos do Porto, Braga e Vianna; agora tomal-a-hemos debaixo d'um outro aspecto não menos interessante como é a parte technica, e veremos que é a unica realisavel, e a unica que está em harmonia com a sua inherente condição de internacionalidade.

Já dissemos que não impugnávamos a directriz chamada hoje de Santo Thyrsó se tivéssemos a certeza, que a linha proseguiria de Braga a demandar Monsão atravessando as elevadas portellas de Vade e Extremo, mas na convicção profunda em que estamos de que a linha irá procurar a beira mar, fugindo ás enormes difficuldades para vencer as quaes não sobriariam as forças de um opulento tesouro, e dobrando se ás judiciosas e razoaveis reclamações que se hão-de levantar por parte dos habitantes de Vianna, não podemos deixar de optar pela do sr. Souza Brandão como a unica que não fere nem destróe as forças economicas da Provincia robustecidas ha largos annos, por uma vida commercial e agrícola.

Encarada a questão primeiramente pela maior ou menor distancia a percorrer, estamos convencidos que entre Braga e o Porto será mais longa a linha de Santo Thyrsó, pois que segundo as estradas novas de Braga ao Porto por aquella direcção, se contam sessenta e aquella de Braga ao Porto por esta direcção, se contam sessenta e nove kilometros, em quanto que pela estrada direita são apenas cincoenta e pelo traçado do camão de ferro já estudado são cincoenta e oito.

Desta cidade porém para a fronteira, mais curto será o trajeto seguindo o interior que pela beira mar, mas não será a differença muito sensível, porque o traçado por esta região, será obrigado a desenvolver-se consideravelmente para poder attingar ora aos vales, ora ás pontes e levadas.

O traçado do Porto até Braga, é de bem mais difficil construcção que o já estudado, sobre tudo depois que passa das alturas de Santo Thyrsó para Guimarães até Braga; mas aonde as difficuldades são verdadeiramente colossaes são de Braga até Monsão. Só uma na-

FOLHETIM

NAS CINZAS

ROMANCE D'EUGENE BERTHOUD

TRADUÇÃO LIVRE

POR

Augusto Valladares

(CONTINUAÇÃO)

André sentiu uma viva indignação. Não obstante contive-se, e pondo-se a cavallo n'uma cadeira, pediu á senhora Poussignol que proseguisse.

— Dois quartos para a rectaguarda, continuou a porteira, mobilia de seis vintens, sette moedas d'aluguel, entrando na conta o gaz... Ah! esta!

— Ella quem? perguntou André.

— Ella quem? O homem que alli mora chama-se Germain. É um empregado publico, aposentado, um velho pelintra, um usurario capaz de tosquar um ovo, e que não escarrega nem com um pataco de consoadá.

quena que passa a vida na janella... Perde o tempo, a pobre rapariga; o senhor André não é capaz de levantar os olhos inda que seja para ver sahir Venus das ondas!...

— Então! não querem ver!... exclamou ella com voz masculina.

— Quem é que mora acolá? perguntou o pintor.

A senhora Poussignol envesou os olhos marroquinados na direcção que lhe indicava o dedo do seu cliente, sorveu uma pitada e brandiu a vassoura com um gesto feroz.

— Aquillo!... disse ella, aquillo não é gente.

— Ora! a Rosinha Germain, a filha d'aquelle velho sovina... Um grande velhaco! Parece um malvado que tem mortes na consciencia.

— Ora deixe-se disso!

— E' como lhe digo... Basta que elle ha onze annos que não pôde pé na rua!... Onze annos! Que me diz o senhor a esta?

— Provavelmente é doente.

— Anda cá doença que te quero ver!... tem tanta saúde como eu e o senhor, o que elle tem é medo de que o azgarrem, é o que é. Vae tomar ar a um jardim, do tamanho do «Constitucional» desdobrado... onde o senhorio lhe deu licença de passear... Ora veja se isto não faz mesmo pena?...

— E ella?...

— Ella, quem?... Ah! sim aquella pe-

— A menina Rosa? Essa anda d'um lado para o outro, vae ás compras a correr, cuida da cosinha, remenda a roupa do pae, que ainda não comprou nenhuma, Deus me perdoe, desde o attentado de Fieschi. Roupa nova! importa-se mesmo com isso, olha quem!

Assim que ouve passos no corredor, deita a correr de gatinhas, e mette-se no quarto; se lhe batem á porta, põe-se a tremer o queixo, e não se resolve a abrir senão ao fim d'uma hora. Se lhe trazem uma carta, fica logo da côr d'um afogado! Agora diga-me se pôde haver um christão com um medo d'estes?

— E ella?... disse André.

— Ella?... A fallar a verdade, é uma rapariga desembaraçada e fina, acceida como poucas, alegre como um pintasilgo, e todo o dia canta, todo o dia canta, desde pela manhã até á noite... Andá sempre a lidar no amanho da casa e ganha ainda tres e meio a fazer flores, porque o pae tem só noventa mil reis, e se não fosse a filha, havia de lhe custar á dar aos queixos!

— Mas, disse André, bonito como ella é... sim, ella pareceu-me bonita...

— Linda como os amores, affirmou a porteira.

— A proposito d'amores... disse André esforçando-se por sorrir, ella deve ter muitos namoros?...

— Namoros! ella?! isso sim! muito jui-

zinto, muito seriasinho, não ha nada que se dizer!... Quando sabe á rua, que lhe façam frente, que andem atraz d'ella, que lhe digam alguma coisa a ver se ella responde!... Pois não, espera que logo!... as compras feitas e a obra entregue, volta para casa a galope, e não sabe que mais hade fazer para que o pae esteja alegre; é o que lhe digo, e o marido do velho enlão está contente e feliz...

— E que especie de gente lhe entra em casa?

— Em casa?...

— Sim!...

— Entrar-lhe alguém em casa! em casa d'elle!... Oh! isso sim!... Se elle não conhece um gato na terra que cohe o sol!

— E... os visinhos?...

— Os visinhos? elle nem sequer lhe sabe os nomes. Uma cara de novo ataca-lhe os nervos.

— Palavra d'honra! murmurou André despeitado, é um ser bem mysterioso, hade ser-me difficil domestical-o!

— Se eu lhe estou a dizer que é mesmo um urso! Não ha exemplo d'elle ter dirigido uma palavra a folgo vilvo, a não ser a mim ou á filha. E mais depressa se deixará fazer em postas, do que sahir para fora da toca!...

Uma pancada muito ao de leve na porta do atelier fez calar a senhora Poussignol.

ção muito rica, é que por capricho pensaria construir um caminho de ferro tendo a superar tantas dificuldades. Gigantescas obras d'arte, extensos túneis, cujas extensões excederam por certo a seis kilometros, em terrenos graníticos, rampas forçadissimas, curvas de raias muito pequenas, exploração assás dispendiosa, seriam os resultados da realisação de semelhante ideia. O caracter de internacionalidade pouco respeitado se acharia no traçado em que as velocidades máximas a dar seriam muito inferiores ás que devem haver n'uma linha que tenha de satisfazer áquelle quesito.

As diferentes elevações pela linha do interior traduzidas em distancias horizontaes, tornariam sobre maneira extenso o traçado do interior, e ainda que a sciencia não tenha pronunciado a sua ultima palavra sobre os melhoramentos da locomotiva, não podemos de modo algum escusar-nos em descobertas que pertencem por em quanto ao futuro para dizermos que as rampas que só hoje se vencem com velocidade de 30 kilometros por hora, amanhã se poderão passar com duplicada rapidez.

Nós tocamos esta questão do caminho de ferro para Salva terra pelos Arcos e Monsão, por sermos provocados pela discussão que acerca dos dois traçados se tem levantado, mas nunca nos poderíamos lembrar de semelhante directriz, porque ella não tem uma só condição favoravel, quer de viabilidade que lhe dê fóros de entrar em uma discussão séria e desapassionada, e apenas o campanario cego como é, é que podia ser-lhe advogado.

Nós que temos ainda grande parte do nosso paiz sem um metro de estrada nova, irnos construir caminhos de ferro procurando os peores terrenos para a sua construcção, estabelecendo-os de mais a mais em pessimas e desfavoraveis condições para a exploração, seria um facto que evidenciava a necessidade d'uma tutoria.

Não queremos, pela enormidade do absurdo, que a linha depois de estar em Braga, vá seguindo a margem esquerda do rio do Cavado a procurar a do sr. Aguiar em Espozende; seria percorrer 31 kilometros na perpendicular á direcção geral, e por este principio estavamos inclinados a acreditar que a directriz para a fronteira se irá inserir na linha de Braga pelas alturas de Santo Thyrso, e esforçando-se em procurar a beira mar, e é por isso que impugnamos todo o qualquer traçado que não seja o de Souza Brandão, que satisfaz e se dobra mais convenientemente aos interesses de todos os habitantes do Minho, pois que a differença do custo primitivo e onus de exploração que ha entre o de sua exc. e o de Santo Thyrso, dará mais que o necessario para a construcção d'um ramal que de Villa Nova siga para Guimarães pelo vale do Ave.

É d'este modo que nós encaramos a questão da viação acelerada na provincia do Minho, e continuaremos firmes nas nossas ideias porque não conhecemos, nem possível é conhecer, por não existir, outro traçado, que seja mais conveniente que o que sempre aqui temos sustentado.

REVISTA EXTRANGEIRA

A nota collectiva da França, Inglaterra e Russia, concernente ao congresso, não contem mais de oitenta e quatro linhas.

Depois de descrever a situação ameaçadora da Europa, indicando as suas causas, a nota expressa o desejo unanime das tres potencias de prevenir um conflicto sanguinolento, e cita os tres pontos que se deverão discutir, que são os que já se conhecem. Para o primeiro ponto (o dos ducados) não indica solução; a reforma federal é apresentada como questão europea; enquanto á questão de Italia não se falla de Veneza, porem sim da consolidação e segurança do reino italiano.

Varios governos dos estados da confederação germanica manifestam-se dispostos a protestar contra a discussão, na proxima conferencia, da reforma federal, porque isto seria ingerir-se nos negocios internos da Alemanha. Diz-se que esta questão será tratada na proxima sessão da dieta.

A Turquia prevalecendo-se da reunião da conferencia, acaba de notificar ás potencias que resolveu occupar os principados.

A estas horas as tropas turcas já deverão ter passado o Danubio.

A Russia não fez demonstração alguma contraria á intervenção nos principados.

Vejamos o que diz a Epoca folha de Madrid.

Enquanto os gabinetes de Londres, Paris e S. Petersburgo continuam as negociações para a reunião de um congresso; a Austria, Prussia e Italia não desistem dos seus armamentos, preparando-se assim para a guerra.

Involuntariamente se recorda o que aconteceu em 1859 em situação igual. Agora como então prepara-se um congresso sem que ninguém confie na reunião d'esta assembleia, pois, como bem diz a folha semi-official de Vienna, se o resultado deve ser que a Austria perca Veneza e a Prussia obtenha os ducados do Elba, só ha necessidade de que a Austria se entenda com a Prussia e a Italia, sem serem ouvidas as outras potencias. De todos os modos a Italia e a Prussia muito tem lucrado com esta demora, pois, em consequencia das suas instituições militares, não estavam tão preparadas como a Austria para a guerra.

Isto comprehende-se bem em Vienna, e portanto não se deve estranhar que a Austria, quando menos se pense, saia de uma situação que para ella envolve tantos perigos.

Continua a haver a esperança de que se reuna o congresso, ao mesmo tempo que se não desvaneceu ainda o receio de guerra. A opinião geral é que nenhuma das potencias belligerantes quererá aceitar a responsabilidade de se não fazer representar n'uma assembleia da Europa; porém como se não realisa o desarmamento, e as questões que o congresso vai discutir são de difficilissima resolução, ainda que se reuna a conferencia, d'ella surgirá a guerra. Vejamos a situação em que as potencias vão ao congresso.

A Italia reclama absolutamente a

liberdade de Veneza, porém nega-se a que esta seja um estado independente como as cidades anseaticas, servindo de terreno neutral entre a Alemanha e a Italia, e tambem não admite a garantia collectiva da Europa em favor da sanha sé. Tambem não quer a Italia que as Duas Sicilias constituam um reino separado, nem consente na restituição das Marcas e da Umbria.

A Prussia não reprova o congresso, porém resiste a qualquer engrandecimento da Austria na Alemanha, e pede que os ducados do Elba, pelo menos sejam uma especie de principado de Asturias para o herdeiro da coroa.

A Austria não se recusa a discutir a questão de Veneza, porém como não foi vencida no campo de batalha, sustenta com razão que o Adriatico deve ser um mar neutral; que o quadrilatero deve desaparecer, e que é preciso que a Silesia, que já pertenceu á Austria, seja na Alemanha a compensação dos seus sacrificios na Italia.

Quando tudo isto se realice, o que é muito difficil, não reclamará tambem a França as suas fronteiras no Reno? . . . Acaso a Inglaterra verá com indifferença a Prussia tornar-se uma grande potencia maritima? . . . Não aproveitará a Russia a occasião para fazer valer as suas aspirações no Oriente? . . . Tal é a situação em que se reúne o congresso, em presença de uma excitação bellicosa e patriótica como em tempo algum se viu tanto na Austria como na Italia.

A subida consideravel dos fundos publicos nas principaes praças da Europa concorda com a noticia, cada vez mais confirmada, de que a conferencia europea (pois não se chamará congresso) vai reunir-se em Paris de 10 a 15 de junho corrente. Que as tres potencias neutras estão já de accordo sobre o convite é cousa que o sr. Gladstone annunciou já officialmente na camara dos commons em Inglaterra, respondendo á uma interpegação de Disraeli.

A Europa de Francfort acrescenta que no dia 25 partiram de Paris, Londres e S. Petersburgo as notas respectivas, que de um momento para outro os embaixadores de Florença, Francfort, Vienna e Berlim devem entregar, em nome das potencias medianeiras, ao general La Marmora, ao barão de Cubeck, presidente da dieta germanica, e aos condes de Mensdorff e Bismark. Como se vê, a confederação germanica estará directamente representada nesta conferencia, e em separado das duas grandes potencias da Alemanha.

Ignora-se contudo se n'esta assembleia diplomatica tomarão parte só os embaixadores ordinarios acreditados em Paris, ou se tambem os ministros estrangeiros das sete grandes potencias que vão reunir-se. Neste caso, alem dos quatro acima mencionados, haverá mais o principe Gortschakff, lord Clarendon e o sr. Druyn de Lhuys, que presidirá á conferencia.

Uma folha franceza deixa prever que a França deseja a guerra, e que os acontecimentos seguem hoje o mesmo curso que em 1859. O discurso de Napoleão III em Auxerre é o echo do que proferiu nas Tulherias o embaixador da Austria.

A proposta do congresso, ante os

desejos da Inglaterra e da Russia, é hoje, como em fevereiro de 1859, um meio de dar tempo nos armamentos da Italia e da Prussia; e se estas, como se supõe, aceitam a conferencia, na qual nada vão perder, e a Austria a repelle, não se lhe dando compensação alguma por Veneza, collocar-se-ha na mesma situação em que ha sete annos, e atacando a Italia tinha esta por seu lado a França. A imprensa imperialista declara sem embargo, que são injustas semelhantes accusações, e que a França com a sua neutralidade unida á Inglaterra e á Russia, conquanto faça tudo que poder para limitar e intervir n'um momento supremo, não abriga actualmente desejo algum de guerra.

Está actualmente em Paris uma embaixada chinesa. Como é a primeira enviada ao occidente, é preciso saudá-la como a um progresso notavel e um novo indicio da civilisação da epocha actual.

A embaixada deve percorrer a França, Inglaterra, Belgica, Prussia, Dinamarca e Russia, e estudar a questão do estabelecimento de relações diplomaticas regulares entre a China e as potencias europeas que já fizeram tratados com aquelle imperio.

O chefe da embaixada chama-se Presita-Feu; exerce ha muitos annos o cargo de director das alfandegas europeas no imperio chinês; conhece bem os europens e sabe como elles dirigem os negocios, e é um homem de talento e illustração que reconhece as vantagens da administração occidental e os melhoramentos de que carece a administração chinesa.

Antes de hontem (25) reuniu-se em Paris á conferencia ordinaria para examinar a situação creada nos principados do Danubio pela chegada do principe Carlos, o qual, procedendo já como soberano, acaba de organisar um ministerio em Bucharest. Até agora a conferencia vacilla em autorisar a entrada das forças turcas e russas nos principados, tendo a Austria dado a entender que se estas forças occupassem a Moldavia, ella occuparia a Valaquia. Segundo parece, a França, a Italia e até a Prussia se inclinam a aceitar o facto consummado. A Inglaterra, a Austria e a Turquia parecem combater-lo, de modo que a Russia será arbitra da maioria.

REVISTA DO PORTO

Porto 29 de Maio

Tornaram-se fastidiosos as prolongas e programmas. Raro leitor os leva ao fim e mais raro ainda o que tal faz sem muitos abrimentos de bocca. Dispensamo-nos, portanto, de dar os motivos por que vim a furtar-vos um pouco do espaço do vosso jornal para as minhas correspondencias; e de entrar em impertinentes minuciosidades sobre a maneira como faço tenção de desempenhar-me do encargo de vosso informador.

Entro, pois, na matéria, sem preambulos nem mais detidas apresentações.

Os altos destinos da Europa, complicados pelos amegres de guerra entre a Italia, a Prussia e a Austria, prendem as atenções de quantos sabem soletrar letra redonda. Desde a mais estreita officina de barbear, escondida no recanto de pouco frequentada hitega, até aos salões dos mais opulentos argenteiros, as

A vida é uma só, respondeu Sauvain procurando advinhar qual era a conclusão que o seu interlocutor queria tirar.

E por isso estou resolvido, continuou o velho, e como o senhor é meu visinho . . .

O coração d'André cessou de bater.

Tomo sobre mim, articulou o senhor Germinal com inérvies esforços, sim . . . tomo sobre mim . . . de . . . convidar o senhor . . . para o mesmo fim! . . .

Que diz elle! . . . exclamou a senhora Poussignol.

Senhor! respondeu Sauvain, meu caro senhor! uma tal honra, um tal . . . Ah! senhor, disponha de mim . . . pertenceo-lhe em corpo e alma! . . .

Não peço tanto, disse o senhor Germinal, tirando do bolso um lenço cor de ferrugem, com o qual limpou a amarelada careca. Peço-lhe unicamente . . . o favor de subir hoje a minha casa . . . das oito ás oito e dez minutos . . . para passar-mos a noite modestamente . . . em familia.

Em familia! repetiu André extasiado. Aceitei?

Se aceitei! meu caro e respeitavel visinho, mas com entusiasmo! com frenesi! . . .

O senhor Germinal ergueu-se n'um só tempo, como se fosse inteiriço. Parecia consternado.

Então, disse elle com voz lugubre, até á noite.

probabilidades da guerra discutem-se, as tenções dos soberanos empenhados n'ella devassam-se, e antes de ter troado o canhão que hade decidir a victoria, já se repetem os dominios questionados pelos combatentes.

Antes isto do que cada qual occupar-se da vida do seu visinho.

Por fallar n'isto, occorre-me naturalmente aos biccos da penna uma questão de senhoras visinhas em que tem andado empenhado o municipio portuense com alguns proprietarios da rua da Alegria. E' o caso de uma pequena faisca produzir alguma conflagração.

A faisca n'este caso foi o alinhamento da rua que acima mencionei. Determinou a camara que algumas casas d'aquella rua fossem trazidas mais adiante, a fim de a alinhar convenientemente.

Varios moradores do sitio requereram para que o terreno comprehendido entre a linha das edificações e a do projectado alinhamento, fosse antes aproveitado para um miradouro, por ser aquelle local de boas vistas e ares sadios, onde os poetas e hypocondriacos podiam ir espaiçar suas melancholias. Isto a troco de uma bagatela de alguns contos de reis, que demandava a obra.

Dividiram-se as opiniões da camara e as do publico. Uns eram pelo miradouro, outros eram pelo aformoseamento da rua. Os paços do concelho presenciaram e ouviram cousas a que de certo ainda não tinham assistido. A camara, querendo cortar este nó gordio, mandou arrematar o terreno em questão, com o que o caso se intrinco ainda mais.

O terreno dividiu-se em varios cháos, ou haviam de ser todos arrematados conjunctamente, ou ficava a licitação sem effeito, se apparecessem apenas concorrentes a alguns. Deu-se este caso; appareceu só licitante para dous cháos. O dono dos predios adjunctos a elles reclamou, exigindo que lhe fossem entregues, para o que se prestava a dar preço superior ao da arrematação. Era justificada a exigencia. A camara, que não tinha dado prova de grande cordura pelo modo como encaminhara este negocio, emendou a mão e emendou-a bem. Determinou que os cháos fossem entregues ao proprietario dos predios adjunctos. N'isto parou tudo e o miradouro não se fez nem é crível que se faça. Ha que farte miradouros no Porto e os desperdícios tambem não escasseam. A eleição d'este miradouro não affecta em nada a vantagem que a cidade leva a outras terras pela abundancia dos seus sitios pittorescos.

A questão é velha e tem sido fastidiosamente debatida. Trago-a apenas a terreiro para deixar archivado o conjunto de miserias que se desenrolavam durante o andamento d'este pleito do hyssope.

A camara de Braga foi eleita em má conjunção de lãs. Resente-se de não terem os seus membros consultado os microscopos, quando o patriotismo os levou a aceitar das mãos do povo o encargo de administradores dos seus interesses.

Ha pouco tempo um camarista foi multado por atropellar uma creança, na occasião em que passava n'um carro pela praça de D. Pedro. Mais recentemente foi-o collectivamente a camara por mandar ou consentir que fosse despejada uma porção de entulhos no terreno de um particular, contra a expressa determinação das respectivas posturas.

Nos jornaes apparecem a cada momento reclamações ao corpo municipal, de envolta com censuras mais ou menos moderadas.

Nos conciliabulos particulares estigmatizam-me acremete o procedimento da camara em alguns negocios. Que sorte!

Porém deixará isto de causar tão grande admiração, sabendo-se que a camara se compõe de cavalheiros, dos quaes apenas a terça parte possui a illustração sufficiente e a cordura necessaria para exercer os cargos de vereadores.

Não ha muitos dias que um já celebra-

Até á noite! meu respeitavel visinho! modulou André interrompendo o ruido de raspador, sacudindo as duas mãos de Germinal.

Este encaminhou-se para a porta.

Hade haver . . . acrescentou com voz abafada, sim . . . talvez haja . . . cidra.

Adoro a cidra.

O Germinal abriu a porta.

E tambem . . . sim, parece-me que posso afirmar-lhe que tambem hade haver . . . castanhas assadas.

Sou doido por castanhas assadas.

E a porta fechou-se.

André Sauvain ficou um momento esmagado debaixo da enorme somma de felicidade que a Providencia lhe enviava; depois saltou para o meio da officina, e executou com furor uma sarabanda tão desenvolto como desconhecida.

A senhora Pau-siguel, essa, apenas teve força de dizer.

Ora esta!

E o excesso d'estupor paralyzando-a, cahiu com todo o peso em cima da caixa das tintas, esmagando tudo.

(Continúa)

Entre! . . . exclamou o pintor deixando-se ficar empoleirado nas cadeiras.

A porta entre-abriu-se, e um homem magro, e descarnado, ingeriu-se pela abertura.

Senhor . . . disse elle a Sauvain.

E calou-se, deu um suspiro, torceu as mãos, o que produziu um effeito de raspar em madeira, olhou em volta de si com ar espantado, e fez um gesto de querer fugir. Porém mudou d'idea, e continuou, a gaguejar, como se cada palavra lhe fosse puxada da garganta por um sacca-rolhas invisivel.

Senhor . . . eu chamo-me Germinal . . . e moro . . . aqui ao pé . . . e venho . . . na qualidade de visinho . . . fazer-lhe uma . . . pequena . . . visita! . . .

André desvendou-lhe-se das cadeiras com grande barulho; o senhor Germinal, amedrontado, foi recuando até se encostar á parede.

Cruzes! . . . gritou a senhora Poussignol, no cumulo do espanto.

Se a ferrugem, esse peroxido de ferro hydratado, tomasse uma forma humana, não escolhia outra incarnação que não fosse a do individuo que André Sauvain tinha diante d'elle.

O senhor Germinal assimilhava-se a um prego colossal esquecido por seis mezes n'um lugar humido.

caro senhor Germinal! . . . Que amavel surpresa! . . . Que excellente ideia que o senhor teve! . . . Meu Deus, não sei como hei-de agradecer-lhe!

Pouco faltou para que André se pozesse de joelhos.

O senhor Germinal suspirou, assentou-se com precauções que faziam crer que os joelhos ponteados precisavam d'azite, raspiou de vagar os dedos nodosos um contra os outros e disse:

Hoje é dia de Natal, senhor Sauvain!

A esta verdade incontestavel, André julgou do seu dever manifestar alguns signaes d'allegria

É verdade, é dia de Natal. Uma grande festa!

Muito grande.

E está um dia muito lindo.

Lindissimo.

Mas bastante frio.

É verdade, muito frio.

N'este periodo da conversação, houve cinco minutos de pausa. André contemplou o senhor Germinal com um modo insinuante, e pegou-lhe n'uma das mãos que apertou entre as d'elle com filial carinho. O senhor Germinal baixou pudicamente os olhos, e retirou a mão com a qual raspou na outra.

Sou de parecer disse elle que por occasião d'esta solemnidade . . . a gente póde permitir-se . . . um pequeno extra!

do... pelos seus discursos, proferia com entono estas palavras:
Fallam-me da imprensa? A imprensa tem uma rosea que anda para a direita e para a esquerda, consante a fozim girar. Eu sou superior ao que ella diz.

E por este theor. E' um debique
—A romaria do Senhor da Pedra, que se faz n'uma capella d'esta invocação situada no areal ao sul da barra, foi este anno menos concorrida do que nos outros annos. Fez esfriar os devotos a chuva que no domingo, dia da romaria cahiu toda a manhã, e o aspecto desagradavel com que se apresentou a tarde.

Ainda assim partiram tres comboios para o sitio do arratal e nenhum foi devoluto. O fervor do... culto religioso pôde muito em gente devota.

Em Valladares houve uma desordem entre os empregados da estação e algunsromeiros que exigiam um comboio para os conduzir à cidade. A exacerbação dos animos chegou a ponto de ameaçarem os empregados de que lançariam o fogo à estação. Aquietou-se tudo com a chegada do ultimo comboio de volta, que transportou os assomados cidadãos ao sitio das Devezas livres de perigo e já de outros humores.

Gosto de vêr acabar as cousas em bem. Não teve tão feliz exito a viagem do comboio de materiais que na noite do mesmo dia partiu para Ovar. Ao chegar a Espinho, desencarrollou-se o trem, e o conductor, perdendo o equilibrio, cahiu entre o tender e o baker. Ficou immediatamente esmagado. Não occorrem mais desgraças, porém esta é sufficiente para se poder chamar deploravel a semelhante viagem.

Reuniu-se no domingo () a assemblea geral dos delegados da Caixa de Credito e socorros mutuos da Associação industrial portueense. O fim da reunião foi a leitura do relatório e a eleição dos individuos que devem gerir os negocios d'este estabelecimento no futuro anno.

Tambem se reuniu para o mesmo fim a assemblea geral da Associação artistica commercial.

Ha numerosas associações no Porto, e são vantajosos os resultados que algumas estão produzindo. Nota-se, porém, que são quasi sempre os mesmos homens que as dirigem. Se isto denota escassez de gente habilitada para tal encargo, é um triste documento para o Porto. Faz lembrar a historia: «nesta freguezia ha só dous homens honrados. Um é vocemecê; o outro vocemecê dirá quem elle é».

Abrem-se sobre nós as cataractas do ceu e as dos concertos. A' hora em que traço estas, baté a chuva no lago das ruas com um estrepito que não tem que invejar ao das bategas hybernaes. É um supplicio.

Os concertos orçam pela mesma impertinencia. Tivemos o do monte-pio dos empregados do Palacio de Crystal, com um musico para cada trio de espectadores e os musicos não chegavam ja 20. Tocou n'elle pela ultima vez o distincto pianista Arthur Napoleão, que parte para o Brazil, onde se demorará perto de um anno.

No domingo (tiveram em S. João o do contrabndista Arthur Frederico, Reinhardt, director da banda dos marinheiros da armada. Foi pouco feliz. Estariam na sala 50 pessoas. A noute convidava pouco, porque chovia a torrentes. Traz consigo o sr. Reinhardt, alguns curiosos que representam, cantam e tocam. A representar toleram-se, na exhibição das outras prendas... não sei que ouvidos soffram impassiveis semelhantes desharmonias.

—Esta vaç já demasiado extensa. Não quero furtar mais espaço ao vosso jornal, nem impedi-vos os leitores d'elle por mais tempo. Até ao seguinte numero.

NOTICIARIO

ta da meia-noite, na praça da Alegria, travou-se uma rixa entre os creados dos dous pastelleiros João e Domingos Bochechinhas, da rua de S. João. Resultou ficarem feridos o creado Manoel da Graça e seu filho, que foram curar-se para o Hospital. Dize-nos que este conflicto fora provocado pelos creados de João Bochechinhas, auxiliados pelo filho do Vinagreiro estafeta. Este ultimo esteve prezo desde a ultima meia noite até ás tres horas da tarde do dia seguinte. Pozeram-o em liberdade provavelmente por não apparecerem contra elle provas bastantes de criminalidade. A policia porém, deve empenhar-se em descobrir os verdadeiros criminosos, o que lhe não será talvez muito difficil. Chamamos tambem a attenção do digno agente do ministerio para este semelhantes acontecimentos.

Outra.—Na terça feira pela uma hora da tarde houve tambem principios de desordem no campo de D. Luiz 1.º entre um paizano e um soldado por causa d'uma lavadeira. Não teve felizmente consequencias. Apesar porém da pouca gravidade do delicto o digno commandante do regimento 8, que prima em manter a boa disciplina militar mandou dar o conveniente castigo ao soldado delinqente.

Ferimento.—Na quarta feira, pelas quatro horas da manhã, foi apunhado na rua do Fartó um barbeiro da rua das Agoas, por alchua o Bebê. O author do delicto foi o Bernardo marcedor do bilhar do café Vianna. O criminoso foi preso perto do logar em que commetteu o attentado. O ferido achase em perigo de vida.

Audiencias geraes.—Foram hoje absolvidos pelo jury os reus Manoel José Alves Dias e José Joaquim da Costa, accusados pelo crime de furto.

O dignissimo juiz de direito substituto o Exm.º Sr. Francisco de Campos annulou o veridictum do jury, julgando-o iniquo.

Provinciano.—O novo jornal que vaç publicar-se brevemente nesta cidade não se chamará o «Conciliador», como dissemos, mas sim o Provinciano.

Bem vindo seja pois o «Provinciano».

Corpus Christi.—Fes-se quinta feira na igreja da Collegiada, a solemne festividade do Corpus Christi, com o costumado esplendor e magnificencia. O orador, foi, como ja dissemos, o sr. Alves Matheus, conego da sé primacial de Braga, que pela primeira vez orou n'esta cidade, e que fez um discurso em que não desmentiu a sua provada capacidade e nomeado talento.

O auditorio era numeroso e escolhido, e esteve sempre pendente dos labios do sr. Alves Matheus.

Depois do sermão sahio a procissão, que ia acompanhada por grande numero de irmandades e confrarias, pelas duas ordens terceiras, que levavam numeroso concurso de irmãos, por o corpo clerical do concelho, a que presidia o rev.º arcepreste, pelo cabido, pelas autoridades judiciaes e administrativas, e pela camara municipal, fechando o prestito o destacamento que se acha n'esta cidade e a philarmónica da terra. (G. do Minho)

Theatro.—A companhia dramatica dos emigrados hespanhães, debutou domingo no nosso theatro, levando á scena o drama «S. Vicente de Paula», em 5 actos e um prologo.

Sem querermos entrar na apreciação do merito da peça, que agradou a muita gente, diremos só que o seu desempenho foi mais que regular. Distinguindo-se especialmente o sr. D. João Sepulveda, director da companhia e seus irmãos, que revelaram bastante talento e muito conhecimento e uso da arte.

Tanto a senhora Sandoval como as de mais damas, e as interessantas niñas ficaram e Sacramento foram muito applaudidas.

Terça feira representou-se o drama os «Mendigos de Madrid» imitação do drama francez Les pauvres de Paris. Em geral o desempenho do drama agradou.

Desejava-mos que o theatro tivesse sido mais concorrido, por que os actores da companhia merecem a todos os respeito a protecção do publico.

Sexta feira irá á scena o drama em 5 actos «El Banquero».

EXPEDIENTE

Ao nosso correspondente do Porto pedimos desculpa por não dar ha mais tempo publicidade á sua correspondencia, o que não foi possivel por falta de espaço.

RELIGIÃO

JUNHO 7.

S. Roberto.

MEDITAÇÃO.

Dixi custodiam vias meis ut non delinquam in lingua mea. PSAL. 38

Tomei o partido de me observar de hoje em diante com cuidado, para não pecar por minhas palavras.

JUNHO 8.

SS. Coração de Jesus.

MEDITAÇÃO.

Defectio tenuit me pro peccatoribus derelinquentibus legem tuam. PSAL. 118

O meu Deus, fica meu coração trespassado de dor, vendo quanto os peccadores desprezam vossa lei.

JUNHO 9.

S. Primo e S. Feliciano.

MEDITAÇÃO.

Mitte illam de colis sanctis tuis, ut mecum sit, et mecum laboret, ut sciam quid acceptum sit apud te. SAP. 9

Enviai-me, ó meu Deus, do vosso sanctuario a sabedoria, para que ella esteja e trabalhe comigo, e para que eu saiba o que vos agrada.

CORREIO D'HOJE

Lisboa 3 de Maio

(Do nosso correspondente)

Se dos Portuguezes alguns traidores houve algumas vezes, tambem é certo que se algum perigo ameaça a patria logo n'esta terra brotam os heroes mais bastos, que os cogumelos nos pinheiros.

Anda tumultuosa a Europa, soam dos lados de Hispanha vozes sinistras á nossa independencia, e eis que para logo o veterano da guerra peninsular o heroe das campanhas da liberdade o marechal Saldanha, n'uma palavra, abandona as blandicias da vida privada, e corre a ofertar no altar da patria, palavra penna e espada.

Dez annos havia que o marechal não cogitava das cousas publicas, e já muita gente por ahí o considerava relegado no Panteon das glorias nacionaes. Imaginai pois do pasmo d'estes, quando consto em Lisboa que o marechal voltava á politica, que já tinha concorrido á camara dos pares, que fallára, fizera um discurso, uma profissão de fé e um programma de governo!

A'mim a cousa não me fez pasmar, porque me lembrava que tambem Achilles recolheu á sua tenda para sahir mais bravo, quando o estomagaram déveras. Que o Marechal não está nem estomagado nem muito bravo. O Marechal está precisamente como convém n'estes tempos alterados; isto é brando com os de casa—declarou elle que exultava d'alegria, vendo á frente da publica administração capacidades tão elevadas e tão distinctos cavalheiros—mas com os de fóra o marechal pôde ser cordeiro ou leão conforme convier. Se nos disserem palavras de pazo o marechal fallará em doce estylo evangelico.—O marechal declarou ser Catholico Apostolico Romano.

Mas se algum houver tão audacioso que levante uma voz d'ameaça o marechal rirá o grito das batalhas, e então... ai! ai! dos vencidos!

Agora fallemos seriamente. Que vem cá fazer o marechal? Que significa a resurreição politica do sr. Duque de Saldanha.

Por aqui diz-se, que lhe será incumbida a pasta de guerra. Não acreditamos.

Das opinões dos principaes jornaes portuguezes, e discursos dos deputados mais considerados, dos dizeres de toda a gente apura-se que a politica d'estes reinos se resume entre termos brevisimos—augmento de imposto, precedido das possiveis economias.

Ora será d'uma graça verdadeiramente méphistofelica vermos o marechal Saldanha figurar n'um ministerio que tenha por divisa economias.

Tambem me fallaram em dictadura. Dictador o Duque de Saldanha, e por columnas do seu throno os srs. Fontes, Martens Ferrão, Casal Ribeiro e para oraculo de tudo isto o sr. Antonio Rodrigues Sampaio! Pois haverá quem se lembre de tal! Mas uma dictadura não sabe da cabeça d'um homem, como d'um algapão das variedades sabe Caramba 27. Uma dictadura presuppõe uma crise gravissima, um forte partido que se sinta capaz de dominal-a, e um homem no qual esteja encanado o espirito d'esse partido—Ora ninguém dirá que estejamos chegados aos apuros d'uma tal situação, ninguém pôde afirmar a serio que entre nós exista um grupo de homens politicos com plena consciencia dos males publicos e forte vontade de os remediar, e ninguém pode dizer sem fazer estoriar de friso os ouvidos, que o marechal Saldanha seja o homem predestinado para realisar grandes committimentos de que peide a salvação da Patria.

Por isso nenhum caso fazemos da dictura, e de quem n'ella falla.

Li n'uma folha de Lisboa que o sr. Casal Ribeiro já annunciou aos gabinetes da Europa que politica seguirá o Governo Portuguez,

tanto nas cousas domesticas como nos negocios internacionaes.

Nada mais que mereça mencionar-se.

COMMUNICADOS

(Continuação)

Sr. redactor

Continuando com a materia, sobre que versa o nosso communicado anterior, haviamos dito que o requerimento do medico Ramalho de Barros tinha sido deferido; e nem devia de assim deixar de ser, porque o seu fim era chegar ao conhecimento da verdade; e com effeito, em vista do caminho claro, desembaraçado e franco, que aquelle medico encetou, não podia deixar-se de a ella se chegar. Era na indagação da verdade sobre aquelles quesitos, que devia consistir o verdadeiro exame medico-forense, de que a lei os encarregava.

O regedor, Juiz-Eleito, Parocho, mais informadores, todos da mesma freguezia, e inclusivamente os mesmos parentes da finada, que se diziam queixosos, e se achavam presentes foram os que indigitaram, «além de fornecer tambem os elementos, que podiam» as pessoas, que melhor se achavam nas circunstancias de serem interrogadas sobre a materia dos referidos quesitos.

Segundo as indicações feitas fizeram-se as necessarias intimações, e ultimamente em resultado das interrogações sob as formulas dos devidos juramentos, conseguiram os peritos averiguar o seguinte:

1.º Que Joaquina Rosa era robusta, e tinha 70 annos d'idade.
2.º Que duas de suas irmãs tinham morrido d'apoplexia.

3.º Que a referida Joaquina Rosa, cerca de 2 mezes, antes de fallecer, tinha tido um insulto apopleptico.

4.º Que foi encontrada em um campo, no sitio de Bousecham, das 9 para as 10 horas do dia 4 d'Abril, prostrada por terra, junto a um rego d'agua, em decubito lateral, e um pouco curvada com a sua sachola pelo lado debaixo do seu corpo.

5.º Que levantada se mostrára estar impedida do orgão da voz, e dos movimentos naturaes de todas as extremidades, menos da superior esquerda, com cuja mão limpava um suor copioso, que lhe emanava da fronte. Que lançava liquidos espumosos pela bocca; e entre estes caldo de coumos.

6.º Que nem na terra, em que jazia, nem em seus vestidos havia nodos de sangue; nem n'aquele sitio apparecera instrumento algum d'agressão; e apenas a referida sachola da paciente. Que nenhuma das partes do corpo, que estavam a descoberto, como pernas, pés, antebraços, mãos, pescoço, face, e cráneo mostravam vestigio algum d'offensa corporal.

7.º Que levada para casa não fóra suggesta a tratamento algum; e que pela meia noute d'aquelle dia 4 fallecera.

8.º Que ao lavar-se, e amortalhar-se o cadaver, não se lhe encontrára nem o mais leve vestigio d'offensa corporal.

Que fóra sepultada, envolta em um lençol, na 2.ª campá, defronte do altar de Santo Antonio.

10.º Que desta campá se tinha tirado um esqueleto d'outro individuo, para na mesma poder ser sepultado o cadaver da finada; e que este mesmo esqueleto, já quasi, ou totalmente desfeito, fóra collocado ao lado do cadaver da referida Joaquina Rosa dentro da mesma campá.

11.º Que o cadaver da dita Joaquina Rosa fóra calcado pelo coveiro, que a sepultou com aquelle esforço com que se calca um folle de farinha, com o fim de caber na sepultura.

Em vista de taes esclarecimentos, que os peritos poderam colher, já elles, inclusive o escolhido, e mettido á cunha pelo administrador, se julgavam dispensados de proceder á autopsia; porque a sua immediata e unanime conclusão foi, que a morte da referida Joaquina Rosa resultára de um ataque apopleptico, independente de violencia, ou offensa alguma corporal.

Não obst-nte como administrador do concelho não era o que havia de dissecar; como não era elle o que havia de despendar cousa alguma com os desinfectantes; como não era elle o que havia de ir debruçar-se sobre o cadaver, inhumado ha mais de 30 dias, a receber os miasmas da morte, e como já principiasse a desconfiar do medico de Amares, seu escolhido! por tanto para satisfazer a sua curiosidade, tão sómente; e para não dar logar a algum rugido de leão, e evitar que mais largamente abrisse as gargantas, sedentas de vingança, antes, que de justiça; e mais que tudo para evitar calumnias; resolveram a exumação com a deliberação de procederem á autopsia!

Do expellido já se deixa ver sem a menor hesitação, que não era por meio de ta operação anatomica, que se havia de ir indagar, se o habito externo do cadaver mostrava algum vestigio de contuzão, fractura,

ou violencia alguma corporal, recebida durante a vida; porque a historia commemoratoria já havia assegurado aos peritos, que nenhum vestigio de offensa corporal antes do fallecimento havia, que podesse explicar a causa da morte de Joaquina Rosa. Serviria apenas a autopsia para não só alimentar por mais alguns momentos a esperança de espiritos inquietos, mas tambem, e sobre tudo para o fatal desengano dos incredulos depois que os peritos lhes mostrassem as lesões materiaes, ou caracteres anatomicos d'uma apoplexia cerebral esse é que ainda fossem a tempo de lhas poder mostrar independente de violencia alguma externa.

Era no interior do cráneo, da boceta ossea, na dura e pia mater, na arachnoide, na massa encephalica, nos seus hemispherios, nos ventriculos e seios cerebraes, nos tuberculos quadrigemios, na protuberancia cerebral ou anular, na arvore da vida, nos derramamentos por exhalação de liquidos na massa cerebral, ou amollecimento ou destruição d'esta, no derramamento sanguineo pela rotura de vasos de menor ou maior calibre, como a da carotida interna, da arteria bazilar, etc; era em caracteres anatomicos colhidos dentro d'esta boceta ossea que os peritos haviam de ir confirmar o seu juizo já referido se é que a correr do tempo desde a inhumação, não tivesse apagado esses vestigios do desarranjo organico.

Mas supponhamos agora que a historia commemorativa nada tinha esclarecido os peritos sobre a natureza da morte de Joaquina Rosa, perguntamos—

—Estaria o seu cadaver nas condições necessarias para por meio d'um minucioso exame em seu habito externo, se poder chegar ao conhecimento de que a morte d'esta mulher resultára de contuzões, ou violencias algumas externas, cujos vestigios tivessem escapado á observação de seus parentes, ou d'outras pessoas?

Ninguém ouzará affirmar-o; porque o cadaver de Joaquina Rosa desde o momento que se in-humou até á sua exumação já havia passado por profundas alterações em seus tecidos.

Pois não foi elle sepultado sem coixão, e apenas envolto em um lençol?

Não foi elle calcado pelo coveiro, como quem calca um folle de farinha, ao inhumar-se?

Não foi elle encontrado ao exumar-se em estado de putrefação, assaz adiantado?

Suponhamos agora que Joaquina Rosa, antes de expirar tinha soffrido graves contuzões, e até fracturas; como discriminar estas das que o coveiro imprimira em seu cadaver, visto que com tanto esforço o calçou para poder caber na sepultura?

Supponhamos que o estado de putrefação não estava adiantado a ponto de não encubrir algumas machucaduras no cadaver, poderá por ventura haver algum perito tão atilado, que, baseado exclusivamente na observação do habito externo possa declarar ao juizo—esta machucadura, ou esta fractura não foi recebida pelo modo e effeito da inhumação, mas sim durante a vida, e d'ella resultou a morte?

Por certo que nenhum fazia tal distincção, sob pena de ser taxado de charlatão, e menos consciencioso.

Por tanto já se vê que a exumação para o fim da autopsia além de incommodativa, impertinente, arriscada, e dispendiosa, era inutil, e por isso desnecessaria. O exame estava feito, e concluido, isto é os peritos em vista do seu relatório medico-forense, tinham satisfeito; de nada mais careciam para o fim a que se propozerem, mas quizeram dar mais latitude á discussão, e por isso fez-se a exumação; mas em vista do estado de putrefação, em que se achava o cadaver, nada mais podiam colher, e por tanto deram o seu exame por concluido.

Mas, se os peritos pela historia commemorativa tinham organizado o seu relatório; e em virtude d'elle, informado o juizo, de que não houvera assassinado.

Se tinham sido unanimes em declarar, que em vista das averiguações feitas, se julgavam dispensados de progredir no exame mesmo porque tambem para elle já o cadaver se não prestava em vista do seu estado de putrefação.

Para que se ordena pois 2.ª exumação?

Será com o fim de desvirtuar o caracter dos peritos, que procederam ao primitivo?

Será com o fim de desvirtuar o caracter do Parocho da freguezia, que veio reconhecer a identidade do cadaver contra o que pretendia o administrador do concelho, que teve o ouzadia de dizer em alta e desentoadada gritaria—que o cadaver não era o mesmo: que tinha sido trocado?!

Vieira 31 de Maio de 1866.

(Continuaremos) O amigo da ordem.

ANNUNCIOS DIVERSOS

COMMUNICADOS

AGRADECIMENTOS

O revd. Gaspar José da Sepulveda, ex-parocho de S. José de S. Luzar, actual de Santa Eulalia de Crespos, não podendo pessoalmente agradecer ás pessoas que o visitaram, em quanto esteve nesta cidade, o faz por este meio, e a todas prate sta eterna gratidão. (63)

HOTEL CENTRAL DO MONDEGO

LARGO DAS AMEIAS—COIMBRA

É o mais bem situado Hotel de Coimbra, proximo ao rio Mondego, e onde to viajante encontra optimas comodidades. Ha tambem n'este estabelecimento trens, que se allegam por preços commodos.



Vende-se uma morada, de cazas com um bom Quintal, na rua da Ponte desta Cidade de Braga, com o n.º 24. Quem as pretender, falle com D. Thezeza Angelica Pulqueria de Souza Lima, no largo dos Penedos, da dita Cidade, desde 18 a 28 do presente mez de Maio, onde lhe serão presentes todas as seguranças garantidas ao comprador.

Perante o juizo de direito desta Comarca e cartorio do escrivão Motta, tem no dia 10 do corrente mez de Junho, pelas 9 horas da manhã a porta do Tribunal Judiciario e a requerimento da Fazenda Nacional, de proceder-se a arrematação de 76 kilogrammas de manteiga Hespanhola, avaliada em 300 rs. cada kilogramma e apreendida como contrabando, a Domingos Alves Lima de Castro natural do Reino de Hespanha. (77)



O juiz e devotos de Nossa Senhora dos Dezamparados, que se venera na Ordem Terceira d'esta cidade, previnem o publico, que não fazem pedido para a festa, que deve logar no dia 10 do corrente mez, mas recebem as esmolas de todas as pessoas que quiserem concorrer para a mesma festividade, mandando-as entregar á rua do Souto n.º 32. (73)



ROMARIA DE S. TORQUATO
A meza da irmandade de S. Torquato erecta no sanctuario da sua invocação nos suburbios da cidade de Guimarães, celebra com grande pompa e magnificencia, nos dias 30 de Junho, 1 e 2 de Julho proximo o 14.º anniversario da solemne e pomposa transladação do mesmo Santo Martyr Arcebispo Bracarense. Em todos os tres dias estará patente a veneração dos fiéis o corpo inteiro do Santo, e no arraial se ouvirão as concertadas harmonias d'uma banda de musica marcial.
No dia 1.º de Julho de manhã cantar-se-ha a musica instrumental a missa solemne com exposição do SANCTISSIMO SACRAMENTO, havendo sermão depois do Evangelho, e ás 4 horas sabrá a vistosa e imponente procissão disposta pela seguinte forma: 1.º Um anjo levando a bandeira branca, com a insignia da irmandade; 2.º a cruz da corporação; 3.º um grupo de anjos formando um coro de musica; 4.º alguns anginhos; 5.º um carro triumphal alludindo a que S. Torquato tenha grande esperanca em Deus. Neste carro irá um grupo de anjos formando um coro; 6.º alguns anginhos; 7.º um carro triumphal alludindo a que S. Torquato recommendava ao povo o preceito da caridade, (68)

contido no amor de Deus. Neste carro irá um grupo de virgens, formando um coro; 8.º o pallio e a musica que fechará o prestito. A procissão assim disposta cercará o grande adro, que rodeia o Sanctuario.
A noite haverá illuminação e fogo o melhor que alli se tem visto.
No dia 2 de manhã haverá missa solemne.

Está aberto o pagamento dos juros das inscripções da junta do credito publico, vencidos no actual semestre, a todos os possuidores que recebem pelo cofre central d'este Districto.
Repartição de Fazenda do Districto de Braga, 4 de Junho de 1866.

O Delegado do Thesouro

João Joaquim da Silva Lobo

O conselho administrativo d'infanteria n.º 8, tem de proceder no dia 20 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no quartel do mesmo, á arrematação do fornecimento de pão-fino trigo para os officiaes inferiores, segundo as condições que serão presentes aos arrematantes no acto da arrematação.

Quartel em Braga 5 de Junho de 1866.

O secretario do conselho

Antônio Maria da Silva

O Conselho administrativo da 4.ª divisão militar, annuncia que no dia 17 do proximo mez de Junho, pelas 10 horas da manhã, no quartel general da dita divisão, hade ter logar perante o mesmo conselho, a arrematação da obra das reparações precisas na sapata da muralha da fortaleza da Insua de Caminha, com as condições que serão patentes no acto da arrematação.

Quartel general em Braga 30 de Maio de 1866.

O Secretario do Conselho

IGNACIO DA SILVA MONTEIRO.

PINHEIRO COM CHAPELARIA

á Porta do Souto n.º 5 lado de Baixo

Faz publico que acaba de receber um completo sortimento de chapelaria de novos gostos muito modernos e preços muito baratos. (74)

CHAPELARIA FRANCEZA

Rua do Souto n.º 15 a 15 C

Manoel José de Campos Junior acaba de receber um deposito de chapelaria franceza de todas as qualidades. (52)

PREVENÇÃO

Pelo presente previno ao publico para todos os effeitos legais, que ninguem contracte com João Moreira de Macedo, sobre a renda do campo das abelheiras, sito na mesma freguezia de Macedo, pois que o annunciante tem direito e acção sobre o referido campo.
Monção 23 de Maio de 1866.

MIGUEL JOSÉ MONTEIRO.

DECLARAÇÃO

José Antonio Dias de Castro, vendô no n.º 21 do Partido Liberal um annuncio de arrematação de varias fazendas, que por parte da Fazenda Nacional lhe foram penhoradas; e como em vista de tal annuncio pôde alguém fazer a seu respeito um juizo menos favoravel, vem por este meio declarar o seguinte:

Que entre outros fóros que em 13 de Outubro de 1859 arrematou á Fazenda Nacional se incluíram os seguintes: o fóro imposto em varias propriedades, sitas em S. Miguel das Aves, praso de vidias, emphyteuta Bento Pereira, arrematado pela quantia de 109\$540 rs. ora é hoje sabido que estas propriedades não existem em S. Miguel das Aves, mas sim em Gondar; e que este fóro já tinha sido remido por Luiz Pereira de Gondar. O fóro imposta em varias propriedades, sitas na freguezia de S. Miguel das Aves, praso de vidias, emphyteuta Manoel José Pereira, arrematado por 32\$780 reis, e mais o fóro imposto em varias propriedades, da freguezia de S. Miguel das Aves, emphyteuta Antonio José Alves, arrematado pela quantia de 102\$520 rs.

Orá estas duas ultimas propriedades já tinham sido adjudicadas á Fazenda Nacional, deixando por isso de ser directa senhora.

Em conclusão: a Fazenda Nacional não podia vender nenhum destes fóros; os dois ultimos como acima digo por isso que tendo-me sido adjudicados as propriedades, já não era directa senhora; e o primeiro por que já tinha sido remido por Luiz Pereira de Gondar.

Como porém o annunciante exprime estas razões que lhe não foram attendidas, dizendo-se-lhe por parte da Fazenda Nacional que pague e depois, querendo fosse intentar a acção competente nos tribunaes, porque o declarante tencionava fazer, por isso a Fazenda Nacional, manda proceder á referida penhora. O que o declarante entendeu devia publicar para que por causa d'esta noticia não soffresse o seu credito.

José Antonio Dias de Castro.

ALVICARAS

Pede-se a quem achasse uma pulgêra de ouro lisa, que quinta feira se perdeu na rua do Souto, a queira restituir na rua do Carvalhal n.º 18, pelo que receberá alvicaras.

TABACOS

43 Rua dos Capellistas 13

N'este deposito de charutos, vendem-se caixas inteiras com 15, 20 por 100 de desconto.

Espera-se receber pela Galera Europa 10,000 charutos brasileiros. (69)

No dia 15 do proximo mez de Junho, perante a Camara Municipal do Concelho de Villa Verde, tem de ser vendidos em hasta publica foros municipaes, empostos em terrenos nas freguezias de Prado e Villa Verde, avaliados pelo preço de trinta pensões; e admittivel aos foreiros, a remissão até ao momento da praça, pelo preço de 35 pensões.

O que assim se faz publico de ordem da illm.ª camara, Villa Verde 24 de Maio de 1866.

O escrivão da camara Ant. M.ª Lopes Pereira de Souza Lobo.

Pertende-se um aprendiz para aprender a arte typographica. Aceita-se n'esta typographia, sabendo ler correctamente, tendo 14 annos d'idade e robustez necessaria para todo o serviço no alcance das forças de um rapaz em taes circumstancias. Que seja fiel, e humilde. Quem pertender, dirija-se á dita typographia para tractar com o seu director.

Quem achasse um cão branco branco com manchas amarellas, queira ter a bondade de o restituir a Manoel Joaquim Ribeiro Couto, campo dos Remedios, n.º 10. (70)

Pelo juizo de direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão Antonio Carlos d'Araujo Motta, no dia 17 do corrente mez de Junho pelas 9 horas da manhã, á porta do tribunal de primeira instancia, no Paço Archiepiscopal se tem de arrematar, a quem mais der, a propriedade denominada da Vinha da Manguela, que produz pão e vinho sito na freguezia de S. Paio da Comarca de Melgaco, avaliada em 112\$000 rs.; o monte denominado do codegal, sito proximo ao logar do Covelo, da freguezia de Paderna, avaliado na quantia de 24\$000 rs.; o campo do Cottodajain, que produz pão e vinho, sito no sitio do mesmo nome, avaliado na quantia de 37\$000 rs.; tudo penhorado na execução de sentença que Feliciano da Cruz Gonçalves Vianna Junior, d'esta Cidade, promove contra Manoel José Soares, e mulher Joaquina Clara Rosa, se acha designado. (76)

TYPOGRAPHIA DOS ORFÃOS



O director d'este estabelecimento, faz publico que se encarrega de qualquer encomenda, satisfazendo com promptidão os freguezes que o procurarem. O mesmo se responsabilisa pela nitidez e limpeza das encomendas. Recebe tambem obras a praso, mediante garantia; e tanto assim como a prompto pagamento, os preços serão o mais modicos possivel

JARDIM

BIBLIOTECA

120 rs. o volume,

ROMANCES

O LAÇO D

TRADUCCO DE J. B.

RICO E

TRADUCCO DE J.

OS HOMES

POR VICT

ADMINIST

PUBLICA-SE AS QUINTAS FEIRAS E DOMINGOS

Assignaturas devem ser pagas por trimestre

Assigna-se, em Braga, no escriptorio da redacção, Rua Nova n.º 21. Este jornal não pode assignar-se por menos de seis mezes. As assignaturas devem ser pagas por trimestre o abatemento de 25%, no preço de todos os seus annuncios. Terão alem d'isso, por mez, um annuncio repetido, gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director do jornal, estampilhada. Escripções que não tenham estampilha de franquia não serão recebidos. Publicações de interesse á redacção sejam ou não publicados, não serão restituídos.